

AS MÚLTIPLAS EXIGÊNCIAS E OS DESAFIOS (IM)POSTOS AOS PROFESSORES NA CONTEMPORANEIDADE: TENSÕES VIVIDAS NA SALA DE AULA

THE MULTIPLE REQUIREMENTS AND CHALLENGES (IM) POSTS TO TEACHERS IN CONTEMPORANEITY: TENSIONS EXPERIENCED IN THE CLASSROOM

Maria Joselma do Nascimento Franco
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Roseane Maria da Silva Albuquerque
Escola Pública Municipal em Caruaru – PE

Resumo

Ante as transformações sociais no Estado de direitos dos sujeitos, a presença intensa da tecnologia com acesso facilitado, a ausência de disciplina no trato com o conhecimento e uma sociedade que valoriza pouco a escola como espaço de construção do conhecimento, a atuação do professor mediada pela ação de ensinar tem se apresentado como desafio na contemporaneidade, pois lhe estabelece exigências, sobretudo, quando o docente se insere em sistemas educacionais orientados pela lógica dos resultados. Desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa Ensino, Aprendizagem e Processos Educativos (GPENAPE), a pesquisa descrita neste artigo teve como objeto as exigências de maior complexidade – provocadoras dos desafios na sala de aula. O problema de pesquisa se delinea nesta questão: quais exigências e desafios (im)postos aos professores são considerados como mais complexos no contexto da sala de aula e quais são as necessidades de superação? A pesquisa objetivou compreender as exigências e os desafios (im)postos ao professor contemporâneo e as necessidades de superação. A pesquisa se fundamenta em Tardif e Lessard (2011; 2009), Saraiva e Wagner (2013), Zibetti (2004), Nóvoa (1999) e Chizzotti (1998), dentre outros.

O procedimento metodológico adotado foi a entrevista semiestruturada com seis professoras dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas e privadas. Os dados foram tratados com base na análise de conteúdo pela técnica da análise temática. Os resultados mostram que as exigências e desafios contemporâneos se concentram na indisciplina, falta de acompanhamento das famílias e ausência da escola e das famílias. Os indicativos de superação são: formação continuada; convicção de que estão na profissão certa e disposição profissional para lidar com as mudanças presentes na cultura escolar numa perspectiva crítica. A iniciativa para superação precisa ser da escola.

Palavras-chave: Atuação do professor; Exigências sociais; Contemporaneidade.

Abstract

Regarding social changes in the so-called individual's state of rights, the intense presence of technology easily accessible, the lack of discipline in dealing with knowledge and a society that gives little value to the school as space for the building of knowledge, the role of the teacher mediated by the act of teaching has posed a challenge to the contemporary society,

because this latter establishes requirements to the teacher, especially when he or she works in educational systems guided by the capitalist logic of results. Carried out within the Teaching, Learning and Educational Processes Research Group, the research presented here focused on the requirements of more complexity — which lead to challenges in the classroom. Its starting point may be outlined by this question: according to teachers, which demands and challenges (im)posed to them are more complex in the context of the classroom and which of them do require overcoming measures? The research aimed to understand the requirements and challenges contemporary teachers face and the way of overcoming them. It's drawn from Tardif and Lessard (2011; 2009), Scott and Wagner (2013), Zibetti (2004), Nóvoa (1999) and Chizzotti (1998), among others. Semi structured interviews were the methodological procedure of choice for gathering data. Six elementary public and private schools' early grades' teachers were interviewed. Data were analyzed based on content analysis approach, which means, the thematic analysis. Results show that requirements and contemporary challenges focus on indiscipline, lack of support from families, and on the absence of school and families. Overcoming such scenario requires teachers to continue their training and to be aware they are in the right place and ready to deal with changes in school culture in a critical perspective. In other words, the initiative to change the state of things has to come from within the school.

Keywords: Teacher Performance; Social requirements; Contemporaneity.

Introdução

Este estudo nasceu de inquietudes ante as múltiplas reflexões advindas do relato de professores atuantes em sala de aula acerca do quantitativo crescente de exigências feitas a eles no contexto educacional e da pouca valorização na educação básica, nas escolas públicas e nas particulares. Esse cenário suscitou nossa curiosidade quanto a constituir estudos sobre as exigências de maior complexidade na contemporaneidade, que impõem mais desafios na sala de aula. A pesquisa subjacente a este estudo procurou compreender a complexidade do trabalho do professor e os desafios que enfrenta nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo em vista exigências como aprendizagem dos alunos, avaliações externas, tecnologias da informação e comunicação e exigências burocráticas advindas das secretarias de Educação, dentre outras.

Contemporâneo é “[...] aquele que é do mesmo tempo, da mesma época. [...] aquele que é da época atual, do tempo atual” (LARROUSE CULTURAL, 1992, p. 267). O que explicita que, de fato, queremos pesquisar as exigências e os desafios (im) postos aos professores na atualidade. Para isso, nos valem de Tardif e Lessard (2011, p. 44), para quem “[...] a grande diversidade de tarefas para cumprir [...] seu caráter assaz diferenciado [...] [é que] exigem competências profissionais variadas”. A variedade de atividades presentes no ofício dos professores exige mobilizações de ordens distintas, daí que tomamos como referência o conceito de competências profissionais como

[...] a capacidade de um sujeito de mobilizar o todo ou parte de seus recursos cognitivos e afetivos para enfrentar uma família de situações complexas. Isso exige a conceituação precisa desses recursos, das relações que devem ser estabelecidas entre eles e da natu-

reza do “saber mobilizar”. Pensar em termos de competência significa pensar a sinergia, a orquestração de recursos cognitivos e afetivos diversos para enfrentar o conjunto de situações que apresentam analogias de estrutura. (PERRENOUD, 2001, p. 21)

Embora a formação inicial dos professores discuta a complexidade do fenômeno educativo na sociedade, o que lhe traz contribuições, a escola apresenta dificuldades em articular seu projeto educativo ante a complexidade das temáticas que emergem dos novos tempos. Estas exigem do profissional a resolução de problemáticas variadas das salas de aula, tais como aprendizagem, indisciplina, recursos materiais e outras. Como Tardif e Lessard (2009, p. 259) afirmam, “Nessa situação anômica em que a instituição não fornece mais modelos fortes de referência os docentes são abandonados a si mesmos, em sua relação diária com os alunos [...]”. Essa condição de abandono amplia as dificuldades que o professor tem, pois ele é incumbido de uma função de prestar contas do resultado do seu trabalho, independentemente dos meios e do contexto em qual esteja inserido. Tem sido do professor a responsabilidade de responder, numa perspectiva solitária, pelos episódios ocorridos em sala de aula, além de ter que conduzir a aprendizagem e as relações socioafetivas com os alunos. Com efeito,

[...] o trabalho docente representa uma atividade profissional complexa e de alto nível, que exige conhecimentos e competências em vários campos: cultura geral e conhecimentos disciplinares: psicopedagogia e didática: conhecimentos dos alunos, de seu ambiente familiar e sociocultural; conhecimento das dificuldades de aprendizagem, do sistema escolar e de suas finalidades; conhecimento das diversas matérias do programa, das novas tecnologias da comunicação e da informação; habilidades na gestão

de classe e nas relações humanas. (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 9)

Eis porque nos propomos aqui a problematizar esta questão: quais exigências e desafios são (im)postos aos professores na contemporaneidade, considerados como mais complexos no contexto da sala de aula e as necessidades de superação? Pressupomos que as exigências mais complexas no contexto da sala de aula estão relacionadas com a aprendizagem dos alunos, a ausência de interesse por parte deles, a falta de compromisso e o distanciamento entre família e escola; que os desafios estão marcados pela administração dessas exigências aliada ao processo educativo dos alunos e que do professor contemporâneo se exige conhecimentos em temáticas diferentes articuladas com as mudanças do contexto, que vão além da aprendizagem dos alunos, foco de sua atuação. Os objetivos deste estudo incluem compreender as necessidades de superação mediante um levantamento das exigências impostas aos professores, um mapeamento dos desafios mais severos enfrentados na sala de aula e uma identificação dos procedimentos a ser adotados para superar desafios à luz do que os professores disseram.

Aporte teórico

Como referência, apoiamo-nos em teóricos que veem a prática do professor pelo viés das dificuldades enfrentadas no lidar com as tarefas cotidianas e as exigências (im)postas. Segundo Nóvoa (1999, p. 100), “Há um autêntico processo histórico de aumento das exigências que se fazem ao professor, pedindo-lhe que assuma um número cada vez maior de responsabilidades”; as quais exigem que o professor cada dia mais qualifique seu trabalho e acomode em seu fazer um leque de funções que o diferencie dos demais.

Tardif e Lessard (2011, p. 133) afirmam que “[...] o ensino é uma ocupação cada vez mais complexa que remete a uma diversidade de outras tarefas além das aulas em classe”. Na realidade brasileira, essa questão se expressa do ponto de vista legal, na lei de Diretrizes e Bases da Educação/LDBEN (lei 9.394), ao explicitar que os docentes se incumbem de:

I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; III – zelar pela aprendizagem dos alunos; IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento; V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional; VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade. (BRASIL, 1996, art. 13)

Com base nesse conjunto de atribuições presentes no marco legal e nos fenômenos que emergem do processo educativo contemporâneo, advindos dos novos arranjos sociais, ampliam-se as exigências e responsabilidades do professor, ou seja, ampliam-se suas atribuições.

No que se refere à atuação do professor pelo viés das dificuldades enfrentadas ao lidar com as tarefas cotidianas, bem como o aumento das exigências, Nóvoa (1999, p. 100) afirma que

No momento atual, o professor não pode afirmar que a sua tarefa se reduz apenas ao domínio cognitivo. Para além de saber a matéria que leciona, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo, e que

para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual, etc. A tudo isso pode-se somar-se a atenção aos alunos especiais integrados na turma.

É com base na ampliação dessas exigências e responsabilidades, nas demandas do contexto, que o professor intensifica seu trabalho, fazendo crescer a complexidade de suas exigências de atuação profissional. Não por acaso, as Diretrizes Curriculares Nacionais/DCN do curso de Pedagogia, orientadoras da formação inicial de professores para os primeiros anos do nível fundamental, mostram como sua atuação requer numerosas tarefas e incumbências para as quais o profissional precisa de formação para assumir. Com isso, é preciso uma formação que abarque esse leque de atividades diversificadas e necessárias para realizar o exercício de sua função. As DCN explicitam que

[...] a participação na organização e na gestão de sistemas e instituições de ensino fazem parte das atividades docentes, por isso o trabalho docente engloba o planejamento, a execução, a coordenação, o acompanhamento e a avaliação de tarefas próprias do setor da educação; de projetos e experiências educativas não-escolares e de difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares. (BRASIL, 2014, *on-line*)

Conforme podemos observar, o profissional professor — cabe frisar — tem no bojo de sua atuação atribuições que vão além da sala de aula e da escola, isto é, que ampliam seu lugar de atuação social e profissional. Outro desafio ao professor são os meios tecnológicos, que lhe impõem a responsabilidade pela aprendizagem de

alunos que não aceitam mais a escola como ela é; isso torna a atividade profissional do professor cada vez mais difícil. A dificuldade de lidar com as ferramentas tecnológicas os tem deixado numa condição cada vez mais desafiadora. “Os docentes às vezes vivem mal essas evoluções e se constata, impotentes, que não são capazes de concorrer com a mídia cada vez mais invasora e eficaz, pelo seu poder de sedução” (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 258).

Não bastassem as exigências que o professor enfrenta, ainda existem aqueles profissionais que preferem silenciar os problemas e as angústias na tentativa de resolvê-los a sós; isso às vezes redundando em mais problemas de natureza fisiológica e psicológica. Quanto mais se silencia, “[...] mais pesada do que antes [...] [fica] a carga de trabalho dos professores [...]”; acima de tudo, fica “[...] mais absorvente, mais exclusivista e mais exigente, enquanto os meios e os financiamentos encolhem” (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 10). Se os profissionais continuarem a encarar suas angústias mantendo-se silenciados, então tendem a continuar proporcionando meios para a constituição de novos problemas, que lhes afetam a saúde física e mental.

Das exigências contemporâneas, uma é que o professor acompanhe as transformações que o meio social demanda. Isso torna o papel dele cada vez mais complexo, por exigir uma gama de especificidades à qual, numa perspectiva solitária, ele não tem conseguido responder. Como explicita Nóvoa (1999, p. 103),

O professor é frequentemente confrontado com a necessidade de protagonizar papéis contraditórios que o obrigam a manter um equilíbrio instável em vários campos. Assim, encontramos-nos perante a exigência social de que o professor desempenhe um papel de amigo, de companheiro e de apoio ao

desenvolvimento do aluno, o que é incompatível com as funções seletivas e avaliadoras que também lhe pertencem. (NÓVOA, 1999 p. 103)

A incompatibilidade acima exposta, as muitas exigências que se ampliam dia a dia — via legislação e literatura ou mesmo por força dos contextos de trabalho —, a solidão vivida na atuação profissional e o pouco reconhecimento profissional têm gerado insatisfação dos que são professores e desistência dos que almejam sê-lo. Esse cenário a que convergem exigências (im) postas pelas demandas sociais ocorre não só no Brasil, mas também em outros países.

Em vários países os docentes se sentem muitas vezes isolados, esgotados e por toda a parte a sua mensagem é a mesma: eles não têm tempo para fazer tudo e o seu nível de *stress* aumenta diante dos múltiplos obstáculos e dificuldades que encontram em seu trabalho diário. No plano quantitativo (horas, semanas de trabalho, número de alunos por grupo, etc.), a tarefa dos docentes não variou desde os anos 1960, mas as coisas são diferentes no plano qualitativo, pois vários fatores contribuem para torná-la mais pesada e complexa. Por exemplo, os grupos de alunos são mais heterogêneos do que antes e suas necessidades são mais diversificadas. (TARDIF; LESSARD, 2009, p. 10)

Essa tarefa pesada e complexa só intensifica o trabalho do professor. Além de ter de se preocupar com a aprendizagem dos alunos, ele prima por sua formação, sabendo que por qualquer desvio no processo formativo ele será responsabilizado; com isso, sua atuação demanda cada vez mais qualificação e envolvimento, o que aumenta sua responsabilidade.

Em tempos de avaliação em larga escala, a aprendizagem dos alunos com base

nos critérios impostos pelas avaliações é uma das exigências das escolas — do sistema educacional — que incide na avaliação de desempenho profissional do professor. É um agravante de sobrecarga para o professor, que precisa lidar com uma população de alunos que apresenta problemas e ordem ética. Como querem Tardif e Lessard (2011, p. 153),

[...] os professores apontam que as crianças de hoje são, geralmente, mais difíceis do que outrora. Mencionam problemas ligados à falta de respeito pelas pessoas e pelo material, crianças que amadurecem muito rápido, que são desabusadas, corrompidas.

Esse quadro aponta mudança ou mesmo ausência de determinados valores na sociedade, o que dificulta ao professor o trabalho de desenvolver suas capacidades de, com habilidades próprias, administrar situações complexas de modo a driblar desafios e se mostrar apto a realizar sua função ante as demandas que lhe são apresentadas. Mesmo se mostrando com habilidade de gestar parte das situações advindas do cotidiano na sala de aula, o professor sinaliza dificuldades na condução dos resultados em relação ao ensino e à aprendizagem dos alunos. Isso é compreensível, tendo em vista que a superação dessas dificuldades não se configura numa ação solitária do professor; ela exige uma atuação conjunta entre professores, alunos, coordenadores e gestores educacionais, um desafio a ser assumido pelo coletivo da instituição educativa.

A pressão vivida pelos professores na contemporaneidade para suprir as demandas individualmente é resultado de uma imagem ideal de professor e descolado dos contextos sociais diferentes em que atuam. Ao se depararem solitariamente com a realidade da sala de aula, identificam que a imagem ideal está cada vez mais distante de ser alcançada, o que provoca angústias. Diante

desse cenário, Zibetti (2004, p. 219) faz os seguintes questionamentos: como o professor concreto se relaciona com essa imagem ideal que se construiu em torno de sua função e a impossibilidade de homem real de atingi-la? Como lida com a necessidade de operar a ligação entre o seu desejo de ensinar e o desejo (ou a ausência dele) de outro de saber?

Para chegarmos às respostas a esses questionamentos, compreendemos que é preciso buscar a constituição de um projeto político-pedagógico com elementos de convicção da comunidade escolar — incluindo os pais — e da comunidade em geral, balizado pela “escola que queremos” e materializado mediante práticas pedagógicas vividas na sala de aula e fora dela. Com tal projeto, vemos possibilidades de constituir ensaios e experimentos que conduzam a caminhos possíveis como fruto da convicção de sujeitos educativos distintos em prol da superação de modelos idealizados, em detrimento da autoria dos próprios professores, que respondem às demandas socialmente postas para a educação escolarizada na contemporaneidade.

Numa sociedade em que as demandas para a atuação do professor se alargam, faz-se necessário que a formação inicial e continuada contribua para que esse aprenda a lidar com situações complexas, tais como nos apresentam os estudos de Franco (2013), ao situar as necessidades formativas dos professores na contemporaneidade, marcadas por cenários de alta complexidade. Sua pesquisa mostra que os professores da educação básica afirmam que os processos de formação precisariam apresentar, com clareza, as novas perspectivas da educação para que se pudesse enfrentar os desafios e atender aos novos alunos que se apresentam. Sinaliza a autora que os professores se referem a aprender a lidar com “[...] as relações homoafetivas, étnicas, direitos das minorias, a inclusão não apenas social,

mas de pessoas com necessidade educativas especiais e as relações com a justiça no que diz respeito a estes direitos” (FRANCO, 2013, p. 200). Enfim, a pesquisa de Franco mostra ainda a necessidade de aprender a lidar com temáticas recorrentes, a exemplo da indisciplina e necessidade de trabalhar, na formação, alternativas viáveis, à luz das questões problematizadoras que se apresentam na escola contemporânea. Isso seria importante para superar a condição que Zibetti e Souza (2010, p. 64) descrevem:

Durante o exercício da docência, professores e professoras deparam-se com momentos em que os saberes acumulados ao longo da profissão não são suficientes para atender às demandas trazidas por uma situação distinta, seja ela decorrência do encontro com um novo grupo de alunos(as), com crianças que não aprendem no mesmo ritmo que a maior parte da turma, com novas propostas de ensino, com a limitação de recursos etc. Nesses momentos, os(as) docentes são desafiados(as) a criar alternativas para levar adiante sua tarefa, encontrando diferentes formas de fazê-lo no contexto em que estão inseridos(as). Mesmo inspiradas em experiências anteriores, algumas dessas ações apresentam componentes novos e aparecem como resultado de um esforço de reflexão, ajuste e recombinação de saberes para dar conta ou, pelo menos, buscar soluções para os desafios surgidos na prática docente.

Posto isso, apenas apresentar as dificuldades não contribui mais para suprir as demandas da atuação profissional. Faz-se necessário apresentar alternativas de superação. Nessa perspectiva, cabe-nos destacar o que dizem Tardif e Lessard (2011, p. 158) sobre a carga de complexidade nas últimas décadas, que tem aumentado e dificultado a docência:

Tanto do lado das percepções subjetivas dos professores quanto dos fenômenos objetivos que ocorreram nas últimas décadas, a carga de trabalho aumentou, não no número de horas, mas em *difículdade* e em *complexidade*. A docência tornou-se, certamente, um trabalho mais extenuante e mais difícil, sobretudo, no plano emocional (alunos mais difíceis, empobrecimento das famílias, desmoraamento dos valores tradicionais, etc.) e cognitivo (heterogeneidade das clientela com necessidade de uma diversificação das estratégias pedagógicas, multiplicação das fontes de conhecimento e de informação, etc.). (Grifos nossos).

Mostram-nos os autores que nas últimas décadas as temáticas objetivas e subjetivas passam a fazer parte da atuação profissional dos professores, ampliando seu trabalho do ponto de vista da complexidade das questões que emergem, tornando sua atuação mais difícil em termos emocionais e cognitivos, o que gera uma relação direta com as demandas formativas.

Exigências sociais: o aumento da responsabilidade do professor

As mudanças sociais têm provocado transformações na educação, na forma de ensinar, nas pessoas que têm acesso à escolarização. Além disso, sem dúvida, exigem mudanças no perfil dos mestres responsáveis pela condução do fenômeno educativo. O processo de escolarização vem historicamente se modificando. Como dizem Tardif e Lessard (2008, p. 255):

O ensino é uma das mais antigas profissões, tão antiga quanto a medicina e o direito. Realidade familiar a todos, o ensino foi durante muito tempo apresentado como uma vocação, um apostolado, um sacerdócio leigo; seu

exercício se baseava então, antes de tudo, nas qualidades morais que o bom mestre tinha de possuir e exibir a todos aqueles que controlavam, de uma maneira ou de outra, o seu trabalho com os jovens.

Em meio a mudanças sociais numerosas e rápidas em decorrência das demandas contemporâneas, constatamos que no âmbito educativo a forma de ensinar, os professores e os alunos não são mais os mesmos. A escola é chamada a desenvolver, com a população estudantil, habilidades necessárias para alcançar uma educação de qualidade social que aumente as exigências formativas para responder às demandas impostas socialmente.

Para ter êxito nessa operação difícil e delicada, hoje sabemos que é primordial que os professores não sejam mais vistos como indivíduos em formação, nem como executores, mas como atores plenos de um sistema que eles *devem contribuir para transformar*, no qual devem *engajar-se ativamente, mobilizando o máximo de competências* e fazendo o que for preciso para que possam ser construídas novas competências a curto ou médio prazo. (PERRENOUD; THULLER, 2002, p. 90, grifo nosso).

Essa perspectiva põe o professor na condição de um dos responsáveis pela formação dos seus alunos, bem como de sua própria formação profissional, que exige cada vez mais ajustes e melhorias, ampliando o ofício professoral nos dias atuais. Esse ofício, como o nome já diz, sobrecarrega o professor com incumbências que, por vezes, vão além de sua profissão. Como diz Nóvoa (1999, p. 103),

Assim encontramos-nos perante a exigência social de que o professor de-

semprenhe um papel de amigo, de companheiro e de apoio ao desenvolvimento do aluno, o que é incompatível com as funções seletivas e avaliadoras que também lhe pertencem.

Diante do exposto, podemos constatar que o trabalho docente mudou e que se impuseram numerosos desafios a serem enfrentados por todo e qualquer profissional atuante ou que queira atuar. As exigências se multiplicaram a ponto de chegarem a um nível mais alto de complexidade. O professor depende do nível de qualificação para tratar de conteúdos que se revelem na condição de aprendizagem; sobretudo, dele se exige capacidade de mediação de conflitos e trato das relações, que assuma papéis, constitua coletivamente regras de convivência e tenha dinâmica na condução das aulas, dentre outras atividades. As exigências sociais impõem a necessidade de formação contínua para que o professor constitua caminhos úteis à superação dos desafios impostos socialmente e evite a angústia, identificando tais exigências e pensando nelas racionalmente para compreender que não são de um profissional, mas sim da unidade escolar. As exigências precisam ser assumidas pela equipe escolar a fim de que, pela via do diálogo com os pares, da reflexão e da atuação coletiva, sejam construídas alternativas possíveis de serem analisadas, ajustadas e exercitadas na busca pela superação dos desafios complexos que enfrenta para atuar na contemporaneidade.

Construindo o caminho metodológico

Para desenvolvermos este estudo, recorreremos à abordagem qualitativa de pesquisa, que se caracteriza

[...] como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da

utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do projeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estrutura. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observação, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva. (OLIVEIRA, 2007, p. 37)

Como procedimentos metodológicos de coleta de dados, usamos a entrevista semiestruturada, com seis professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. Como eixos da entrevista, tivemos: exigências (im)postas aos professores na contemporaneidade e maiores desafios enfrentados pelo professor na sala de aula. Embora cientes de que corríamos o risco de não conseguirmos extrair dos entrevistados o que pretendíamos, a entrevista permitiu enxergar além do que é expresso verbalmente, uma vez que

[...] é um encontro entre duas pessoas a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. Trata-se pois, de uma conversação efetuada em face de face, de maneira metódica: proporciona verbalmente a informação necessária. (RAMPAZZO, 2002, p. 110)

As entrevistas foram realizadas nas escolas públicas onde os professores atuam e no Centro Acadêmico do Agreste/CAA, ligado à Universidade Federal de Pernambuco, entre novembro de 2013 e março de 2014. Como procedimento para o tratamento dos dados, usamos a análise de conteúdo: “[...] método de tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, consubstanciadas em um documento”; esse procedimento “[...] se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual,

gestual) reduzida a um texto ou documento” (CHIZZOTTI, 1998, p. 98). Tratamos do conjunto de dados objetivando responder à questão-problema e cumprir os objetivos de pesquisa, em articulação com o pensamento teórico. Pela técnica da análise categorial temática, constituímos duas categorias: 1) *exigências profissionais contemporâneas (im)postas e de alta complexidade*; 2) *maiores desafios enfrentados na sala de aula e as necessidades de superação*. Com base nelas, articulamos os dados analisados.

O que dizem os sujeitos da pesquisa

A pesquisa teve como cenário três contextos escolares distintos no município de Caruaru, PE: uma instituição pública (pl) e duas instituições privadas (pv). Atendem alunos da educação básica com foco nos anos iniciais do ensino fundamental, onde se revela nosso objeto de estudo.

A Escola A, pública, está localizada em bairro periférico e atende alunos das localidades próximas. A maioria do alunado provém de família economicamente desfavorecida. A escola conta com estrutura física pequena e oferece o ensino fundamental e a Educação de Jovens e Adultos.

De tradição na cidade, a Escola B, privada, tem como entidade mantenedora uma instituição religiosa. Consegue aliar tradição e contemporaneidade. Desafia-se a ampliar seu currículo com a tecnologia, o esporte, a arte, os idiomas e os intercâmbios, dentre outras atividades. Concebida como de grande porte, tem reconhecimento regional e supre a demanda escolar do maternal ao ensino médio, além de oferecer curso preparatório de pré-vestibular. Está localizada em bairro nobre e atende crianças e jovens de classe economicamente favorecidas da cidade e região.

Também particular, a Escola C está ativa há menos tempo que a Escola E. Oferece educação do maternal ao ensino

médio, em dois prédios: um para o maternal e a educação fundamental anos iniciais; outro para o ensino fundamental — anos finais — e ensino médio. Ambos localizam-se no bairro Centro. Como a pesquisa voltou-se para os anos iniciais do nível fundamental, detivemo-nos no espaço onde funciona o maternal, a educação infantil e o ensino fundamental. No segmento do infantil e fundamental, a escola conta com 13 professores. Cada sala atende de 25 a 30 alunos, exceto o 4º e 5º anos, que recebem cerca de 80 estudantes. Do ponto de vista curricular, a escola trabalha com a arte, a filosofia e o esporte.

O levantamento de dados nessas três escolas se concentrou na entrevista com professores do ensino fundamental — anos iniciais. Entrevistamos seis profissionais, aqui tratados como P1pl, P2pl, P3pv, P4pv, P5pv e P6pv. Quatro são pedagogas formadas, duas estão em formação. Para tratar dos dados, esses são apresentados segundo as duas categorias de análise.

Exigências profissionais contemporâneas impostas e de alta complexidade

No trato das exigências (im)postas na contemporaneidade, Nóvoa (1999, p. 107) afirma que “[...] as relações nas escolas mudaram, tornando-se mais conflituosas, e muitos professores não souberam encontrar novos modelos, mais justos e participados, de convivência e de disciplina”. Ele destaca a participação, a convivência e a disciplina como elementos difíceis de lidar nos cenários escolares. Em que pese sua discussão em torno da realidade portuguesa, tal reflexão não se distancia do que ocorre nas escolas brasileiras.

Contudo, a ausência de repertório para lidar com os elementos acima expostos tem tornado a atuação profissional cada vez mais desafiadora, o que requer formação, pois muitos ainda alimentam a perspectiva de que a família se apresente como suporte na

educação dos filhos e que a escola fique com a incumbência de trabalhar a vida acadêmica, o cognitivo, o que torna o trabalho escolar bem mais propício. Isso, porém, já não mais é a realidade. No século XX, o aprendizado era restrito à família, como nos mostra Saraiva e Wagner (2013, p. 740):

A Família e a Escola são instituições que compartilham a tarefa de preparar e encaminhar os sujeitos para a vida nos seus mais diversos aspectos. Até o início do século XX, a educação das crianças se dava fundamentalmente sob a tutela da família, que controlava o aprendizado que ocorria em casa.

Embora essa educação tenha mudado ao longo de um século, muitos ainda têm a expectativa de que as famílias tenham a mesma atuação que tiveram no passado. Por isso, não desenvolvem metodologias de trabalho em conjunto para avançar nos processos formativos articulados por essas duas instituições. É comum encontrar professores queixosos da omissão das famílias nos processos formativos de seus filhos, o que deixa às escolas a responsabilidade quase total pelo fracasso escolar. Com efeito, ao ser questionada sobre as exigências (im)postas na contemporaneidade e mais difíceis de lidar no cotidiano da sala de aula, uma professora afirmou que

*[...] difícil de lidar no cotidiano é o trabalho com os pais, porque os pais, eles são clientes. Na escola privada eles passam a ser clientes e, na qualidade de clientes, eles **cobram**. E você professora faz o papel de funcionária, de estar fazendo com que o seu **trabalho seja qualificado, não só a nível de conteúdo, não só a nível de satisfação, mas também há um certo agrado, entendeu? Você tem que fazer funções que não são suas, a realizar trabalhos que não são seus, pra poder satisfazer à***

necessidade desses clientes, entendeu?
(P4pv, 2014, entrevista; grifos nossos).

A professora apresenta como uma das exigências postas a *cobrança*, obtendo como resposta o *trabalho qualificado* e a *satisfação* dos que usufruem dos serviços, articulado com a *qualidade do tratamento* oferecido às pessoas. O que nos parece ser algo ético; e se ainda não for comum em qualquer instituição educativa, cremos que devesse sê-lo.

Ainda em relação às exigências impostas e de alta complexidade, a professora continua seu relato se referindo à ausência da família.

*[...] a família está sendo ausente, não está andando lado a lado com a escola. Essa família ausente, ela sobrecarrega a escola. A escola não consegue dar conta do trabalho que é da escola e do trabalho que é da família. Daí acontece esse déficit que a gente está vendo: **pessoas com falta de ética, com falta de caráter, com falta de amor ao próximo, pessoas mal qualificadas** porque a escola vem caminhando sozinha. Então era necessário, tanto na instituição pública quanto na privada, que fosse **estabelecido claramente que a família, ela caminhasse com a escola, que a escola não pode substituir a família.*** (P4pv, 2014, entrevista; grifos nossos)

Observamos que a relação entre escola e família e a possibilidade de um trabalho articulado se destacam no relato da professora como sendo dificuldades. Esse caminhar solitário continua a se apresentar como inquietação das educadoras. E a ela Saraiva e Wagner (2013, p. 765) se referem nestes termos:

Frente a tão complexas demandas, família e escola parecem ter compreensões distintas. A família parece esperar que a escola seja capaz de suprir as mais diversas necessidades de seus filhos e a escola, por sua vez, considera as famílias pouco competentes no exercício de seu papel e, por isso, pensam que derivam à escola.

Diante desse impasse e considerando o papel da escola como instituição, cabe esperar que haja um trabalho articulado entre as duas instâncias educativas, que haja uma alternativa para trabalhar seus papéis e *atuar em conjunta* no processo formativo dos sujeitos.

Ao ser questionada sobre o que precisa ser feito para dar conta do desafio de articular escola e família, a professora respondeu

Que família e escola deveriam se entrosar mais. Fala-se muito em família caminhar junto com escola, no entanto o que a gente vê é família caminhando para um lado e escola para outro. Às vezes a escola chama a família para comparecer, mas devido às muitas ocupações profissionais os pais acabam não comparecendo. (P5pv, 2014, entrevista)

Essa ausência de entrosamento, de aproximação tem acarretado a ambas as instituições problemas como acusações desnecessárias, culpabilização e ausência de respeito nas relações entre profissionais e família. Disso se depreende ausência de articulação, o que pode comprometer o processo formativo discente e apontar uma relação descompromissada com a formação das crianças e dos jovens.

Na visão Tardif e Lessard (2011, p. 13), quanto às exigências complexas da atuação do professor,

O trabalho docente não acontece senão através dos quadros organizacionais e dos *processos temporais* dos quais não é mais que o produto ou o resultado objetivo; ele possui também sua própria dinâmica interna, que provém principalmente do fato de ser uma *atividade com finalidade e orientada por objetivos*. (Grifos nossos)

Os autores reafirmam que o trabalho do professor está articulado aos quadros organizacionais e temporais. Com efeito, ao ser questionada sobre as exigências mais complexas na atuação profissional, uma professora afirmou que

*São muitas, mas a que é mais complexa é aquela **cobrança em si, sobre o professor, sem a participação dos pais**, porque a escola é feita por pais e professor. Então cobra-se muito do professor a parte pedagógica, conteúdo, mas a grande maioria dos pais não dá sua parcela em atender, ou seja, **cobrar do seu filho a parte que lhe cabe**, então isso dificulta muito na nossa atuação profissional, porque a **gente depende, é uma parceria**, não é só colocar o filho na escola, haver a cobrança e no final do ano letivo querer então que aquele aluno tenha 100%. É preciso ver que o caso não só é o professor, mas sim também a participação dos pais, essa é a exigência mais complexa no meu ponto de vista. (P1pl, 2013, entrevista, grifo nosso)*

A resolução de como desenvolver uma metodologia de trabalho que envolva a articulação entre pais, professores, além do envolvimento das crianças e adolescentes, parece-nos ser o caminho para superar a dificuldade vivida pelos professores com a temática da relação escola–família.

Outra temática que aparece como de grande complexidade é o uso da tecnologia

de forma indisciplinada pelos alunos. Os relatos dos entrevistados deixam entrever as tecnologias que têm se mostrado como dificuldades enfrentadas em sala de aula. De um lado, o professor precisa se aliar à tecnologia. Como quer Alarcão (2003, p. 15), nestes tempos de informação e da comunicação digital — a “era do conhecimento” —, a escola “[...] não detém o monopólio do saber. O professor não é o único transmissor do saber e tem de aceitar situar-se nas suas novas circunstâncias que, por sinal, são bem mais exigentes”. De outro lado, ao se conceber a escola como lugar formal de construção do conhecimento, há de compreender que o uso dessas tecnologias requer critérios, o que nem sempre tem sido considerado no âmbito escolar. Na visão de Libâneo (1998, p. 14), “[...] muitos professores temem perder o emprego, outros se apavoram quando são pressionados a lidar com equipamentos eletrônicos”. Esse autor reitera que o mundo

[...] neste momento da história denominado ora de sociedade *pós-moderna*, *pós-industrial* ou *pós-mercantil*, ora de *modernidade tardia* está marcado pelos avanços na comunicação e na informática e por outras tantas transformações tecnológicas e científicas. Essas transformações intervêm nas várias esferas da vida social, provocando mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais, afetando, também, as escolas e o exercício profissional da docência. (LIBÂNEO, 1998, p. 15)

Com as exigências impostas socialmente ao profissional docente, que, assim como o aluno, não é mais o mesmo, as tecnologias, ao invés de ajudarem, dificultam as relações em sala de aula. A presença de telefones celulares com acesso à *internet*, de *tablets* e de outros dispositivos eletrônicos dispersa a atenção e desvia o interesse

discente, o que compromete o percurso da construção desenvolvido em aula. Insistindo nos maiores desafios enfrentados na sala de aula, afirma uma professora:

[...] a gente enfrenta muita dificuldade com relação a essas novas tecnologias, as crianças vão pra sala de aula equipadas com tablets, celulares, e é difícil, pois essas tecnologias atrapalham muito a aula. O desafio é você saber lidar com isso. (P5pr, 2014, entrevista; grifo nosso).

Parece-nos ser esta uma posição que, no âmbito da escola, requer que seja tomada uma decisão que envolva o coletivo escolar em uma perspectiva de utilização desses instrumentos como recurso didático e de uso cotidiano. Segundo o relato de outra professora, uma forma de superar esse desafio é proporcionar uma educação de qualidade para esses alunos. Disse ela:

Essa qualidade exige atitudes, regras [...] a questão do avanço da tecnologia, ou seja, como os alunos estão nesse novo contexto e como eu, enquanto professora, posso promover uma nova educação de qualidade, nesse novo contexto social deles. (P2pl, 2013, entrevista).

As regras a serem construídas e vivenciadas pelo coletivo dos sujeitos da educação, bem como a formação contínua em torno da referida temática a ser trabalhada pedagogicamente, é um desafio a ser enfrentado pela escola. Mais que isso, rumo à superação de conflitos relativos às tecnologias e possibilidades de utilizá-las nos espaços socialmente constituídos, parece um caminho a ser trilhado a pensar em trabalho compartilhado com a tomada de atitudes comum entre professores e comunidade escolar quanto ao uso cotidiano

dos instrumentos tecnológicos e às regras de convivência.

Maiores desafios enfrentados na sala de aula e as necessidades de superação

A sala de aula tem se apresentado como ambiente desafiador ao professor, seja pelas temáticas complexas que dela emergem, seja pela diversidade de demandas. O professor precisa integrar meios que possibilitem conceber a sala de aula como espaço partilhado por docente, discentes e equipe de gestão. Uma das ações possíveis para isso seria propor regras de convivência construída coletivamente; outra seria estabelecer consequências práticas com base no diálogo. Vemos nessa ação uma alternativa de não apenas minimizar os problemas vividos, mas também de aprender a lidar com temáticas complexas em uma proposta de formação. Esse processo avançará à medida que houver ações articuladas em prol de relações mais saudáveis no grupo e guiadas por regras construídas e vividas pela coletividade, no diálogo contínuo, na formação continuada, no planejamento, na avaliação e nos ajustes no planejado, dentre outras ações.

Quanto a lidar com os cenários educativos contemporâneos, Lopes e Gomes (2012, p. 262) nos ajudam a refletir ao dizerem que

Professores de hoje buscam ansiosamente meios para compreender os processos sociais na sala de aula e as alternativas que o auxiliem a proporcionar um clima de convivência propício ao desenvolvimento da aprendizagem. De fato, num ambiente caótico e ruidoso é mais difícil, se não impossível, aprender, em particular, aprender a conviver. (LOPES; GOMES, 2012, p. 262)

Concebemos que são os profissionais responsáveis pela escola que precisam trabalhar em conjunto na perspectiva da construção de seu projeto educativo e materializá-lo pela via do compromisso coletivo de professores, funcionários, alunos e pais, objetivando uma formação sólida para o conjunto de sujeitos educativos. A aprendizagem depende da boa convivência. Se a aprendizagem é tão cobrada dos professores, esses precisam tratar das questões que a proporcionem. Sem esse ambiente propício fica difícil o professor cumprir o seu papel. Uma entrevistada alude a estas questões que dificultam o trabalho docente:

*[...] a dificuldade que a gente sente em sala quando você percebe que tem uma **criança indisciplinada** e você não consegue dar conta do processo de ensino aprendizagem daquela criança, porque ela não está preocupada em aprender, então de imediato, o que você quer é a solução para aquele problema, então você passa a estudar aquela situação, você passa a exigir mais dos sujeitos que estão envolvidos e procura entender porque está acontecendo de tal modo. (P3pv, 2013, entrevista; grifo nosso)*

Aqui, a situação de indisciplina é posta como impeditivo para avançar em relação aos processos, não apenas de aprendizagem, mas também educativos. Se a sala de aula é um ambiente complexo que exige autonomia e autoconfiança do professor, este tem o papel e a responsabilidade de constituir um ambiente de trabalho propício à aprendizagem, uma construção não apenas sua, mas também do coletivo escolar. É necessário que o professor se sinta apoiado, ajudado, orientado pelos demais profissionais da escola, segundo princípios que regem o projeto educativo e com a população escolar. Esse conjunto de

orientações acompanhadas sistematicamente do fazer professoral ajuda a evitar que no profissional nasça e seja nutrido um sentimento de mal-estar. Como diz Nóvoa (1999, p. 158),

As contradições que se jogam na escola atravessam a todos os níveis as relações interpessoais, *geram desconforto e mal-estar*, provocam *desconfianças e autolimitações*, mas mantêm-se ocultas nas rotinas da sala de aula ou na animação dos corredores e espaços de convívio: o caráter difuso dos seus efeitos, por vezes, é *culpabilizante* e não facilita a apropriação pelos professores de outro conhecimento mais aprofundado da sua realidade profissional, dos mecanismos do seu funcionamento e das vias da sua transformação. (Grifo nosso)

Como explicita o autor, as escolas precisam criar metodologias de trabalho orientadas pela materialidade do seu projeto educativo, articuladas com os sujeitos pertencentes a essa instituição educativa. Essa compreensão ganha coerência com o que expõem Saraiva e Wagner (2013, p. 767):

É necessário que cada instituição, de acordo com suas características e condições, faça um esforço para sistematizar estratégias conjuntas que contemplem docentes e pais em suas reivindicações a fim de desenvolver a tarefa educativa de forma mais plena, satisfatória e eficaz.

Acreditamos que a superação dos desafios maiores presentes na escola e na sala de aula se encontre no trabalho coletivo e sistemático desenvolvido segundo procedimentos que fortaleçam o trabalho docente e criem laços de confiabilidade entre professores, alunos e pais, ligados à dada instituição educativa. Isso pode deixar mais seguros os envolvidos no processo. Dentre

os maiores desafios encontrados em sala de aula, os sujeitos entrevistados destacam: a indisciplina (4); a ausência de respaldo da escola — formação, apoio, ajuda nas dificuldades (4); a ausência de apoio das famílias (3); a falta de material didático (2); as tecnologias; e o atendimento às exigências impostas pela escola.

Dos desafios enfrentados pelos professores, ocupa o topo da lista uma temática recorrente: a indisciplina. Esta é “[...] o que provoca a inquietação dos professores em tentar manter a ordem na sala de aula, pois sem ela não se alcança os objetivos primordiais do ensino” (ESTRELA, 2002, p. 109). Além disso, “[...] se a indisciplina produz efeitos negativos em relação à socialização e aproveitamento escolar dos alunos, ela produz igualmente efeitos negativos em relação aos docentes” (ESTRELA, 2002, p. 109). Os efeitos prejudicam o processo pedagógico. “Atualmente, muitos professores e alunos se queixam das dificuldades do desenvolvimento do processo pedagógico, bem como do mínimo respeito para que se desenvolva uma convivência possível” (LOPES; GOMES, 2012, p. 263). Disso podemos depreender que as afirmações apresentadas ganham coerência com os dados tratados, como deduzimos no extrato a seguir.

São muitas as exigências, mas a que mais acredito para lidar no cotidiano é a indisciplina dos alunos, porque é difícil você querer passar o conteúdo, mas sempre tem que estar quebrando no meio, por conta de estar sempre intervindo por questão da indisciplina. Isso faz perder muito tempo, e com isso a gente deixa de aproveitar bem a aula. (P1pl, 2013, grifo nosso)

A indisciplina dos alunos tornou-se uma das questões mais complexas de lidar. Explicitada por 50% dos entrevistados, estes

levam em consideração que a indisciplina tem se tornado um desafio-chave a ser enfrentado na sala de aula. Esse quadro causa preocupações relevantes, visto que o problema gera outro: a insatisfação docente, que, algumas vezes, leva ao abandono da profissão. Parte dos professores se desmotiva e até pensa em mudar de profissão. No dizer de Estrela (2002, p. 109),

O tempo que o docente gasta na manutenção da disciplina, o desgaste provocado pelo trabalho num clima de desordem, a tensão provocada pela atitude defensiva, a perda do sentido da eficácia e a diminuição da autoestima pessoal levam a sentimentos de frustração e desânimo e ao desejo de abandono da profissão.

Com efeito, a indisciplina é uma temática que ganha repercussão no depoimento dos professores, assim como a desistência da profissão. Inferimos que possa ser um impeditivo para que a aprendizagem seja alcançada pela maioria de uma turma, visto que o profissional perde tempo tratando das relações no grupo, o que repercute de forma gradativa no processo de ensino e aprendizagem. Isso se nota no relato de uma professora:

*Um dos problemas que eu acho que repercutem muito no processo de ensino aprendizagem é a questão da **indisciplina**, porque sempre que há um aluno indisciplinado você tem que trabalhar primeiro a questão da indisciplina para que depois você venha passar os conteúdos necessários. Um aluno indisciplinado, dificilmente ele vai conseguir atingir os objetivos de ensino do professor porque ele não está interessado no processo de aprender. Então isso é um desafio da escola hoje na minha prática. (P3pv, 2013, entrevista; grifo nosso)*

Vemos nesse relato uma preocupação com os objetivos de ensino atribuídos; também lemos que a indisciplina é um elemento que compromete o alcance dos objetivos propostos. Considerando que o professor é cobrado a dar conta desses objetivos e, independentemente da situação, ela passa a ser um desafio que precisa ser superado nas escolas. Portanto, é preciso constituir caminhos metodológicos que, ao menos, minimizem esse cenário social, se não conseguirem transformá-lo.

Outra possibilidade é trabalhar numa perspectiva preventiva para minimizar desgastes no conjunto de sujeitos educativos participantes do processo. Como afirmam Lopes e Gomes (2012, p. 266), é preciso aprender a “lidar com a indisciplina de diferentes formas, para entender a atualidade e buscar intervir, considerando a escola e o aluno que temos no momento histórico atual”. Muitos ainda desconhecem esse aluno do momento histórico atual, que é outro, que não aceita encaminhamentos unilaterais, procedimentos tradicionais, ainda patentes em algumas escolas. O relato a seguir alude ao problema da indisciplina:

*Eu vou me remeter à questão da **indisciplina** novamente porque é o que mais as escolas privadas exigem do professor, querem que eles deem conta da indisciplina do aluno em sala, porém isso se transforma em um problema pra gente, porque quando se chega na escola a gente encontra muito no sistema privado crianças cheias de vontade, entendeu? São crianças que dificilmente são disciplinadas, dificilmente têm limites. É exigido que o professor assuma o papel do pai nesse momento, isso pra mim é uma exigência muito complexa, porque não se faz o meu papel, então é muito difícil assumir algo que você sabe que não é do seu caráter e que não faz parte da sua formação e que **você não tem formação** pra isso.*

*Logo, o tema a ser discutido pra mim é a questão da indisciplina, porque é algo que a gente tem dificuldade e é algo que a escola exige da gente, então **na formação da gente precisa saber como se apropriar**, que estratégias usar em sala de aula, e dificilmente isso é discutido. Geralmente o que se põe em questão é que o **professor é incompetente**, ou então que **a escola está deixando muito à vontade**, mas não se discute o tema para se chegar a um fim, pra se chegar a uma solução. (P3pv, 2013, entrevista; grifo nosso)*

De fato, o relato especifica o que o professor vive com relação à temática no cotidiano de sala de aula, tornando o trabalho difícil e pesado, pois não seria possível assumir funções que não são de sua categoria. Esse quadro é enfrentado por grande parte dos profissionais, como se pode deduzir da passagem a seguir, em que a entrevistada trata das exigências mais complexas em sua atuação profissional, a exemplo da

*[...] **indisciplina** e também [d]a **aprendizagem**. A família [também, porque] não está presente para ajudar. Muitas vezes, a gente fala com os pais, e eles não estão nem aí, não querem. Então, em minha opinião, essa é a mais complexa: a **falta de acompanhamento realmente da família dos alunos**. (P6pr, 2014, entrevista; grifo nosso)*

Nessa passagem, ganham repercussão três temáticas sinalizadas no conjunto dos maiores desafios encontrados na sala de aula pelos entrevistados e constituídas pelo critério de análise de frequência no *corpus* da pesquisa. São elas: *indisciplina* — 1º lugar; *ausência de apoio das famílias* — 2º lugar; e *aprendizagem* — 3º lugar. Contudo, mesmo com essa sinalização dos entrevistados, vimos o quanto o professor encontra-se numa situação complexa, tendo em vista não

haver política de superação desses desafios. Isso tem ocasionado *deficit* de aprendizagem e aponta a necessidade de promover condições para haver relações saudáveis entre professor e aluno, professor e pais e aluno e aluno, o que seria importante para um ambiente propício ao desenvolvimento do trabalho para todos os sujeitos educativos. Além dessas três temáticas dentro dos maiores desafios encontrados na sala de aula, os sujeitos apontam ainda: ausência de respaldo da escola: formação, apoio, ajuda nas dificuldades — 1º lugar; falta de material didático — 3º lugar; as tecnologias e o atender as exigências (im)postas pela escola — 4º lugar.

Quanto ao que é necessário fazer para superar esses desafios, os sujeitos apontam ações que se estruturam em frentes variadas, mas que organizamos por prioridades: buscar formação contínua — estudos de caso (1º lugar); buscar soluções (2º lugar); estar consciente de que ser professor é o que se quer ser; acompanhar as mudanças contemporâneas presentes na cultura; assumir a profissionalidade com comprometimento e participação crítica (3º). Eis as opções que aparecem como alternativas para superar os desafios encontrados nas exigências (im)postas socialmente. As temáticas explicitadas pelos sujeitos apontam para possíveis caminhos a serem constituídos na busca pela superação dos desafios vividos pelos professores em sala de aula e, logo, na escola e na sociedade.

Considerações finais

As múltiplas exigências e os desafios impostos socialmente à sala de aula e vividos pelo professor na contemporaneidade têm se mostrado como elementos que precisam ser revistos pela escola e pela sociedade em que vivemos. Foi o que mostrou a pesquisa aqui descrita, que permitiu compreender quais exigências profissionais contemporâneas

de alta complexidade estão presentes no contexto de trabalho do professor. O levantamento de dados possibilitou acessar o conjunto dessas exigências relatadas pelos sujeitos pesquisados.

Os dados levantados apontam múltiplos desafios que são tratados e apresentados segundo duas categorias de análise, assim explicitadas: exigências profissionais contemporâneas impostas e de alta complexidade; maiores desafios enfrentados na sala de aula e o que é necessário para superação. No que concerne à primeira, ela abrange a cobrança em relação ao trabalho qualificado e aos conteúdos ensinados e aprendidos pelos alunos. Há exigências quanto à satisfação dos sujeitos em relação à qualidade do tratamento e relacionamento; à ausência das famílias nos processos formativos dos filhos; à utilização da ética profissional; e à exigência do afeto ao próximo — inclusive a ênfase na cobrança do professor em relação ao desenvolvimento dos processos educativos sem a participação dos pais. Eis as exigências que desafiam os profissionais professores contemporâneos.

Como desafios a serem superados, os sujeitos e os teóricos apontam: o entrosamento entre escola família e a compreensão de que o trabalho do professor responde a quadros temporais em que o produto ou resultado objetivo estão previstos com base nos objetivos propostos. Assim, para suprir as demandas, faz-se necessário um projeto educativo ou político pedagógico construído e pactuado com o coletivo da escola; um projeto que tenha definidos pelos pares os diferentes papéis da escola, da família, dos professores, dos alunos e dos profissionais que nela atuam numa perspectiva de parceria e conscientização das consequências educativas de sua não utilização.

Compreendemos que, operacionalmente e na vivência de tal projeto, a compreensão de que as relações

construídas precisam estar balizadas pela civilidade e pela convivência humana como alimentadora do desenvolvimento do outro é um elemento central em todo e qualquer projeto educativo. Parece apontar uma necessidade, a ênfase em uma metodologia de trabalho que invista na aproximação saudável e criadora de uma relação de confiança entre escola e família, guiada pelo respeito, pela solidariedade, pelo bem comum e pela ajuda mútua compartilhada pela escola (professores) e pela família (pais).

Quando tratamos dos maiores desafios enfrentados na sala de aula e o que é necessário para superação, os sujeitos indicam: a indisciplina e suas consequências; o não aprender e a ausência de formação para lidar com a temática; a falta de acompanhamento das famílias aos filhos/seus alunos; a ausência de respaldo da escola em relação à formação contínua, ao apoio e à ajuda nas temáticas desafiadoras. A indisciplina aparece entre os maiores desafios, com necessidade de superação; em seguida, temos a ausência de respaldo das famílias diante dos encaminhamentos da escola, acompanhada da falta de material didático e, por fim, o não trato das tecnologias e o atendimento às exigências impostas pela escola.

Quando tratamos das necessidades para superação dos desafios, os sujeitos apontam alternativas que se colocam na lógica da formação continuada, na busca de soluções, na convicção de que se encontra na profissão certa, no comprometimento assumido com a atuação profissional, na disposição de acompanhar as mudanças presentes na cultura escolar contemporânea e na participação crítica.

Por fim, identificamos que, embora os sujeitos apresentem como parte dos desafios a indisciplina e a falta de acompanhamento das famílias aos filhos/alunos, quando buscamos as alternativas para superação desses desafios, todos apresentam alternativas que têm como ponto de partida a escola. O que, do nosso ponto de vista, tem coerência se considerarmos que se encontram na escola os profissionais que buscam formação na área educacional e precisam ajudar a suprir as demandas formativas contemporâneas

Diante do que foi dito, nosso pressuposto inicial foi confirmado na medida em que explicitamos que as exigências mais complexas no contexto da sala de aula do professor estão relacionadas com a aprendizagem dos alunos, a falta de compromisso e o distanciamento da família na relação professor–aluno e família–escola. Quanto aos desafios, estes confirmam que estão marcados pela administração dessas exigências, aliada ao processo educativo. Do profissional da contemporaneidade exige-se conhecimentos em áreas diferentes de forma a tratar das temáticas variadas articuladamente com as mudanças do contexto. Sem contar que, além de todas essas exigências, a aprendizagem dos alunos é o foco de sua atuação.

Portanto, é dos professores e profissionais da educação que precisa partir uma proposição educacional que supere os desafios ora apresentados e que crie espaços para que as vozes dos sujeitos educativos se expressem e ascendam numa perspectiva de escuta atenta e — quiçá — de constituição de políticas que partam do “chão da escola” para impactar na superação de desafios vividos na contemporaneidade. Até o momento, é assim que pensamos.

Referências

- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003, 104 p.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 17 fev. de 2014.
- _____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 12 fev. de 2014.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Vozes, 1998.
- LARROUSE CULTURAL. **Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Cultural, 1992.
- ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. Porto: editora Porto, 2002. 160 p.
- FRANCO, M. J. N. Formação continuada de professores e as necessidades formativas no agreste pernambucano: com a palavra os atores/autores sociais. In: LIMA, I. M. S.; FRANCO, M. J. N.; CUNHA, K. S. **Reflexões sobre formação de professores e processos de ensino e aprendizagem**. Recife: ed. UFPE, 2013.
- LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professoras?** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998, p. 13–51.
- LOPES, R. B.; GOMES, C. A. Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura? **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.** [online]. 2012, v. 20, n. 75, p. 261–82. ISSN 0104-4036. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362012000200003>>. Acesso em: 27 jan. 2014.
- NÓVOA, A. **Profissão professor**. Tradutores: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil. Porto: editora Porto, 1999.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa?** Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2007.
- PERRENOUD, P. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2001, 208 p.
- PERRENOUD, P.; THURLER, M. G. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**/Philippe Perrenoud, Monica Gather Thurler, Lino de Macedo, Nilson José Machado e Cristina Dias Allessandrini; trad. Claudia Schilling e Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002. 176p.
- RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**. São Paulo: Loyola, 2002.
- SARAIVA, L. A.; WAGNER, A. A relação família–escola sob a ótica de professores e pais de crianças que frequentam o ensino fundamental. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.** [online]. 2013, v. 21, n. 81, p. 739–72. ISSN 0104-4036. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362013000400006>>. Acesso em: 8 fev. 2014.
- TARDIF, M.; LESSARD, C. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Tradução de Lucy Magalhães. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 325 p.
- _____. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução de João Batista Kreuch. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 317 p.
- ZIBETTI, M. L. T. A angústia no ofício do professor. **Psicol. Esc. Educ.**, Campinas, v. 8, n.

2. dez. 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-8557200400020001>>. Acesso em: 28 dez. 2013.

ZIBETTI, M. L. T.; SOUZA, M. P. R. de. A dimensão criadora no trabalho docente: subsídios para a formação de professores alfabetizadores. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 36, n. 2, ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022010000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 dez. 2013.

Fontes orais — entrevista com docentes

P1pl. Caruaru, PE, 10 de dezembro de 2013. Arquivo de mp3 (10 minutos). Entrevista concedida a mim na escola pública municipal.

P2pl. Caruaru, PE, 10 de dezembro de 2013. Arquivo de mp3 (8 minutos). Entrevista concedida a mim na escola pública municipal.

P3pv. Caruaru, PE, 27 de novembro de 2013. Arquivo de mp3 (15 minutos). Entrevista concedida a mim no campus Centro Acadêmico do Agreste/CAA.

P4pv. Caruaru, PE, 14 de janeiro de 2014. Arquivo de mp3 (10 minutos). Entrevista concedida a mim no campus Centro Acadêmico do Agreste/CAA.

P5pv. Caruaru, PE, 03 de fevereiro de 2014. Arquivo de mp3 (09 minutos). Entrevista concedida a mim no campus Centro Acadêmico do Agreste/CAA.

P6pv. Caruaru, PE, 03 de fevereiro de 2014. Arquivo de mp3 (12 minutos). Entrevista concedida a mim no campus Centro Acadêmico do Agreste/CAA.

Sobre as autoras

Maria Joselma do Nascimento Franco é doutora pela Universidade de São Paulo (2005); professora do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, no Centro Acadêmico do Agreste/CAA. Pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Educação da Universidade de São Paulo. Trabalha com os temas “formação de professores”, “coordenação pedagógica” e “educação do campo: escolas multiseriadas”. As produções mais recentes incluem: 1) “Coordenação pedagógica e formação continuada: caminhos que evidenciam emancipação ou dependência profissional”; 2) “Professoras do campo e prática pedagógica: aproximações ou distanciamentos da educação do campo: um estudo no município de Caruaru-PE”; “Mapeamento das escolas do campo no agreste Pernambucano: construindo caminhos para se chegar à escola do campo” — a pesquisa atual, coordenada pela profa. Dra. Iranete Lima, da UFPE; e “Professores iniciantes egressos de programas de iniciação à docência: como ocorre seu ingresso na profissão?” — coordenado pela profa. Dra. Marli André, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Email: mariajoselmadonascimento franco@gmail.com

Roseane Maria da Silva Albuquerque é pedagoga pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) — Centro Acadêmico do Agreste (CAA) — e professora da rede pública municipal de Caruaru, PE. E-mail: Roseane-prof@live.com

Recebido em 27.12.2014

Aceito em 20.01.2015